

gm (opinião)

678/9/2002 Pg 13

39



Miguel Krigsner *

Rio+10: decepção e incertezas

Do encontro não saiu projeto que iniba a degradação da Terra

A Rio+10 terminou em Johannesburg, na África do Sul, sob o estigma da decepção e das incertezas em relação ao futuro do planeta. Foram duas semanas de intensas conversas e debates acalorados, sem que se chegasse a um entendimento mínimo entre os 191 países participantes da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. Numa atitude racional e emergencial diante da morosidade das decisões e do pouco avanço nas negociações, os delegados das nações aliaram-se aos ambientalistas para que pelo menos não houvesse algum tipo de retrocesso em relação ao que fora acordado na Eco-92, realizada no Rio de Janeiro. Evidenciou-se, em que pese os esforços bilaterais, que não há atualmente nenhum grande projeto para salvar a Terra da degradação ambiental.

O encontro pouco produziu, na verdade. Das prioridades (água e saneamento, energia, saúde, agricultura e diversidade), apenas duas delas foram sancionadas. Até 2015 estabeleceu-se como meta reduzir pela metade o número de pessoas sem acesso a saneamento. Sobre a biodiversidade, decidiu-se que vai se diminuir a extinção de peixes e recuperar os estoques. Qual a lição que Johannesburg deixou para a comu-

nidade internacional? Se os países reconhecem que a questão ambiental tem relação com a pobreza, mas a conjuntura econômica impede uma ação pró-ativa nas causas e soluções do problema, cabe ao mundo corporativo aproveitar-se dessa lacuna e apoderar-se do controle das ações para, assim, implementar as reivindicações que o mundo almeja.

Diante desse imobilismo oficial com o desenvolvimento de projetos ecológicos e sociais nos países pobres, a consciência empresarial verde levou as organizações a adotarem uma postura diferenciada quando se trata de meio ambiente. Hoje há até a preocupação de se exigir de clientes, parceiros e colaboradores um comportamento socialmente responsável na condução dos processos na cadeia produtiva. Nessa disputa renhida por ética e transparência há consenso e convicção de que essa mudança de filosofia agrega valor aos produtos e consolida uma imagem positiva diante do mercado consumidor.

Grande parte dessa mentalidade é resultado das ações concretas das companhias. A evo-

lução da legislação ambiental contribuiu e promoveu uma reviravolta acerca do tema e, a partir daí, projetos e empreendimentos só passaram a receber a chancela do BID, por exemplo, se a preocupação ecológica estiver destacada entre seus propósitos e objetivos. Em ou-

tra esfera, tornou-se fundamental a obtenção do atestado de boa conduta representada pelo ISO 14000. O selo de qualidade e excelência ambiental deixou de ser modismo para se tornar um

fator de sucesso dos negócios.

Dessa maneira, a conscientização e a obrigação somaram forças em torno de algo muito maior. Nesse caso, mais do que uma simples ação, cuidar da natureza transformou-se em necessidade vital de sobrevivência. A comunidade empresarial, de uma maneira ou de outra, reconhece, assim, o valor à vida. Portanto, se o encontro em Johannesburg pouco acrescentou, resta ao globalizado mundo corporativo acionar os mecanismos para contribuir no salvamento da biodiversidade.

*Presidente da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza.

Resta agora
o mundo
corporativo
contribuir para o
salvamento da
biodiversidade